

**KANT, I. PRIMERA INTRODUCCIÓN DE LA  
CRÍTICA DEL JUICIO. EDICIÓN BILÍNGUE.  
TRAD. NURIA SÁNCHEZ MADRID.  
MADRID: ESCOLAR Y MAIO, 2011.**

**Cinara Leite Nahra**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Carlos Moisés de Oliveira**

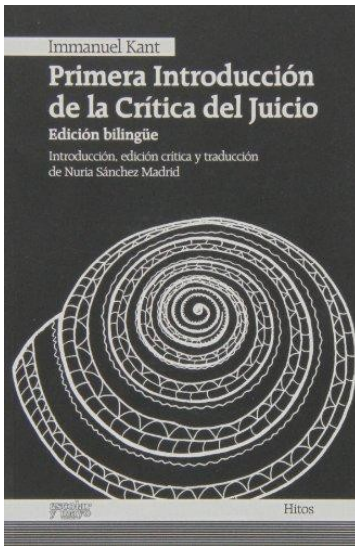
Doutorando no Programa Interinstitucional de Doutorado UFPB-UFRN-UFPE

Natal, v. 23, n. 41  
Maio-Ago. 2016, p. 249-257

**Princípios**  
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109





### A chave do segredo.

A primeira introdução à *Crítica da faculdade do juízo* (*Erste Einleitung in die Kritik der Urteilkraft*) é um texto denso e, por isso, para bem traduzi-lo, é necessário, primeiro, um profundo conhecimento sobre o pensamento do autor; segundo, o perfeito domínio da língua em que a obra foi escrita; e, terceiro, a adequação semântica para manter a coesão do texto, o que implica pensar as principais decisões terminológicas adotadas pela tradução. Todos estes requisitos são preenchidos por esta primorosa tradução para língua espanhola

realizada pela professora Nuria Sánchez Madri (Universidad Complutense de Madrid), uma edição bilingue publicada pela Escolar y Mayo em 2011.

Rapidamente após sua publicação, *La Primeira Introducción de la Crítica del Juicio* ganhou relevo dentre as publicações dedicadas a Kant tornando-se uma das melhores traduções da *Erste Einleitung* (EE) em língua espanhola.

A referida tradução não se limita a equilibrar bem o texto alemão com a fluidez necessária em língua espanhola para melhor compreensão de uma matéria filosófica tão densa. Essa edição conta também com estudos introdutórios: “Contingencia e transcendentalidade”, momento em que se coloca em foco as duas introduções à *Crítica da faculdade do juízo*, as distinções terminológicas entre ambas, e que expõem sistematicamente os motivos pelos quais Kant decide não publicar esta primeira introdução como apresentação da *Crítica do juízo* e, para este propósito, escreve uma segunda introdução. Também a tradutora busca em diversos momentos estabelecer, à margem do texto, explicações sobre con-

ceitos chaves, bem como incorpora à discussão uma gama quase infindável de autores, tais como Gerard Lebrun, Cassirer e Ribeiro dos Santos dentre inúmeros outros. Incorpora também um apêndice contendo algumas correspondências do período em que Kant escreveu a primeira introdução, onde podemos verificar o processo de produção de uma de suas mais controversas obras.

Ao lermos a EE escrita para a *Crítica da faculdade do juízo*, logo percebemos a obscuridade do texto kantiano, que é quase um diálogo que o autor empreende consigo mesmo no intuito de clarificar tema tão denso, a saber, a técnica da natureza, e, talvez por este motivo, a EE tenha sido alvo de tantos debates e opiniões conflitantes. A tradutora coloca, a esse respeito, que: “Una accidentada historia editorial confirma que Kant nunca consideró que la primera introducción dispusiese de la coherencia interna suficiente para ser presentada ante los lectores, incluso tratandose de un público al que pudiera presuponerse la lectura de las críticas anteriores a la *Crítica del Juicio*” (p. 12).

Essa postura de Kant justifica-se pelo fato que a EE continha demasiados argumentos não devidamente clarificados (em desenvolvimento), somando-se isso a complexidade dos temas abordados sem o rigor habitual.

Kant descarta a EE em 1790 argumentando que esta não cumpria com os objetivos propostos na *Crítica do juízo*, e também pela falta da articulação metódica dos argumentos que lhe é característica (*modus logicus*), dedicando-se posteriormente a uma introdução (*Einleitung*), texto no qual consegue a clareza de exposição necessária para concluir a terceira crítica. Porém, em 1792 decide-se por retomar a EE já que então a percebe como capaz de trazer importantes contribuições para a terceira crítica e seu sistema como um todo. Observa a tradutora que não existem “significativos desajustes teóricos entre ambas versiones, pero es innegable que una lectura atenta de la *Erste Einleitung* sorprenderá por la libertad con que este escrito persigue las raíces de los fundamentos últimos

del conocimiento transcendental de la naturaleza”.<sup>1</sup> Conforme ella afirma:

El saldo arrojado por la atención que la Kant-*Forshung* ha dirigido al escrito confirma que nos hallamos ante un auténtico laboratorio o taller del pensamiento kantiano, en el que poco podía hacerse para ocultar el esfuerzo del autor por llegar a conocer con la suficiente pene-tración una necesidad subjetiva que responde en buena parte a la pregunta ¿cómo es posible la facultad de pensar?. (p. 30)

Como é possível o pensamento? Estaria esta resposta na EE? Certo estaria, então, Anceschi, que demonstrava maior apreço pela EE justamente pela sua capacidade de aproximar o leitor ao “segredo guardado sob sete chaves na *Crítica do juízo*”?<sup>2</sup>

Que segredo seria este? A revelação de como, enfim, pela técnica da natureza, pelo princípio da conformidade a fins, conciliam-se a natureza e a razão? Conforme aponta a tradutora:

El hecho de que la *Primera Introducción* fuera descartada como presentación del contenido y límites de la tercera *Crítica* no niega que esas páginas de una extensión tan descortés hayan contribuido a definir, con una exactitud con la que el *Apéndice de la Dialéctica trascendental* de la primera *Crítica* no podía competir, la existencia de una presuposición necesaria para todos nuestros conceptos y juicios, a saber, el principio transcendental de conformidad a fin. [...] La indagación inacabada contenida en la *Primera introducción* parece haber retirado de la diosa Isis todos los velos que le daban un aspecto temible, sin llegar al extremo de mostrarla en su inasequible desnudez. En efecto, la técnica de la naturaleza es el primer ropaje con que se reviste la diosa, confeccionando con

---

<sup>1</sup> Sánchez Madrid, *ibid.*, p. 22-23: “La misma repetición obsesiva del motivo de la ‘técnica’ que la *Einleitung* destinará al lugar de lo teórico-práctico, es sintomática de que estamos asistiendo a una investigación en ejecución.”

<sup>2</sup> Sánchez Madrid, *ibid.*, p. 29: “A través de la lectura de la *Primera Introducción* se aprecia cómo Kant advirtió en el fondo y de manera abierta el extraordinario desenlace de su investigación. En la *Introducción* y en la *Crítica del Juicio* todo eso se lee con dificultad, por ello la *Primera Introducción* manifiesta ser, antes que nada, un instrumento sumamente útil para entrar en el secreto guardado bajo siete llaves de la *Crítica del Juicio*.”

el más humilde y al mismo tiempo el más recio y entramado de los tejidos. [...] Esa capa protectora sitúa al científico y al artista en una igualdad de condiciones inesperada con el infante, pues los tres se descubren capaces de tener experiencia de la conformidad de la naturaleza a los filtros lógicos del ánimo humano. (p. 37)

A deusa Isis, como se sabe, é a deusa da magia e da natureza, aquela do qual todos os começos surgiram. Nuria parece então nos lembrar de que a reflexão kantiana desvela os segredos da natureza, sem de fato revelá-los; aponta para o princípio sem descrevê-lo; nos mostra que causas eficientes e causas finais são conciliáveis; sugere que a nossa mente se adéqua à forma lógica da natureza e que, assim sendo, assumindo sem explicar esta inexplicável teleologia, tudo começa a fazer sentido.

A mais relevante das contribuições da EE reside na importância do conceito de técnica da natureza que é condição *sine qua non* para a compreensão do sistema da natureza, a tradutora enfatiza:

Sin duda, la técnica de la naturaleza hace su entrada en el escrito con la fuerza suficiente como para considerar que de ella depende, el sentimiento de la unidad en la exposición, rastreable en sus páginas. Todo orbita en torno a ella, al menos en la primera parte del texto, pues es la clave para obtener un concepto sistemático de la Filosofía, que permita dividirla en partes y reconocer la articulación real de las facultades superiores de conocer. (p. 16)

Conforme afirma Kant na EE o juízo faz da técnica da natureza o princípio *a priori* de sua reflexão.<sup>3</sup> Kant também define técnica

---

<sup>3</sup> Sánchez Madrid, *ibid.*, p. 143: “El Juicio reflexionante no procede, por tanto, esquemáticamente con fenómenos dados, con el propósito de llevarlos bajo conceptos empíricos de cosas naturales determinadas, sino *técnicamente*; no, por así decirlo, de manera meramente mecánica, como un instrumento sometido a la guía del entendimiento y de los sentidos, sino *artísticamente*, con arreglo al principio universal, aunque al mismo tiempo indeterminado, de una ordenación conforme a fin de la naturaleza en un sistema, como si se tratara de un favor concedido a nuestro Juicio, consistente en la conformidad de las leyes particulares de la naturaleza (sobre las que el entendimiento nada dice)

da natureza na EE como sendo a causalidade da natureza em relação “à forma de seus produtos como fins”<sup>4</sup>. Porém a técnica da natureza é impossível de ser desvendada completamente, e isso se deve a falta de vigor conceitual que a questão da natureza parece constitutivamente apresentar, em outros termos, a contribuição da faculdade de julgar (pelo viés da técnica da natureza) para a filosofia transcendental é tão obscura que não pode considerar-se científica, no entanto, a investigação sistemática da faculdade de julgar demonstra a plasticidade da razão, isto é, mostra que esta é dotada de uma força que cria um diálogo (hermenêutico) entre a natureza (*physis*) e a realidade objetiva dos conceitos (*logos*).

A faculdade do juízo representa em EE a união ou acordo central entre a *physis* (natureza, totalidade de todas as coisas existentes) e o *logos* (circunscrição da realidade objetiva por conceitos) objetivando derramar o caos lógico. A força (*Kraft*) da faculdade de julgar é o elemento conector entre as realidades tratadas por Kant respectivamente na KrV e na KU. A espontaneidade da razão em não se ocupar apenas dos objetos científicos, isto é, o que esteja no escopo de seu aparato epistemológico, mas, também, de si mesma, provoca uma redefinição dos termos natureza, técnica e razão, e tais fenômenos são tratados por Leonel Ribeiro dos Santos como uma ampliação semântica que estabelece um novo entendimento de natureza<sup>5</sup>.

Um discurso que pretende alargar os limites da razão, sua relação com o juízo e o conceito de natureza, necessariamente pede

---

a la posibilidad de la experiencia como un sistema, presuposición sin la cual no podemos esperar orientarnos en el laberinto de la multiplicidad de leyes particulares posibles.”

<sup>4</sup> Sánchez Madrid, *ibid.*, p. 159: “Ahora bien, yo llamaría a la causalidad de la naturaleza, con respecto a la forma de sus productos como fines, la técnica de la naturaleza.”

<sup>5</sup> Santos, 2009, p. 129-130: “Esta conclusão do primeiro parágrafo da *Primeira Introdução* revela a consciência que Kant tinha da inovação terminológica e semântica que estava envolvida na sua atribuição à natureza da expressão ‘técnica’.”

que nele introjetemos a harmonia. A contemplação da natureza, que se inicia a partir do perscrutar a ordem que nela existe, parece denotar algum tipo de finalidade que ressalta a relação *physis* e mente (*Gemüt*). Tal relação consiste em uma técnica da natureza que une todos os elementos que a compõe para uma finalidade, a explicação dessa técnica se deve ao juízo reflexivo que introduz na natureza uma finalidade (*zweckmäßigkeit*), isto é, uma conformidade a fim ou uma medida final anteriormente estabelecida pelo juízo. No entanto, é importante ressaltar que a EE prioriza uma argumentação voltada para a fundamentação de uma técnica da natureza e não simplesmente ou prioritariamente a concatenação do juízo reflexivo, ou seja, em síntese a EE persegue o fundamento último do conhecimento transcendental da natureza e sua obscuridade deve-se, portanto, à necessidade de uma retórica que objetiva insistentemente suprir a ausência de fundamentação fenomenológica (objetiva) da técnica da natureza.

A *Einleitung* (E) não aborda como a EE a poderosa imagem da técnica da natureza. A *Einleitung* empreende uma busca por um substrato suprassensível e desconhecido da natureza, e tal procedimento garante menos obscuridade, já que não se preocupa com floridos argumentativos para justificar a técnica da natureza e buscará um entendimento global para a questão, um fundamento para orientar o juízo nas elucubrações e intervenções no conceito de natureza; o juízo é apresentado como mediador entre natureza, o belo e o homem. Sobre essa questão a tradutora coloca:

La misma repetición obsesiva del motivo de la técnica, que la *Einleitung* destinará al lugar de lo teórico-práctico, es sintomática de que estamos asistiendo a una investigación en ejecución. La posterior presentación de la función mediadora del Juicio en el conjunto de las faculta-des del ánimo ofrece, sin embargo, un contenido más organizado, resultado de un plan de trabajo cuidadosamente sopesado por el autor, en lo que debe declararse o silenciarse, que con todo no invalida la exposición contenida en la primera versión. (p. 23)

A citação demonstra convenientemente que cada introdução escrita para a *Crítica do juízo* tem uma abordagem diferente, mas que ambas, cada uma a seu modo, tem sua função e seu papel. O importante é que ambas anunciam o projeto da *Crítica do juízo* kantiana, que como afirma Nuria (p. 81), encerra a trilogia crítica que “pone en marcha una auténtica *arqueología del saber*, gracias a la cual cobramos conciencia de que la adecuación entre las formas de la naturaleza y las funciones lógicas del pensar es el único rastro que queda de un contrato que la razón firmó consigo misma en un pasado esencial”. Observa a tradutora<sup>6</sup> que o projeto crítico mostra que a razão não conflitua com a vida, ao contrário o que chamamos de razão parece ser o expediente idealizado pela vida para escapar a autodestruição.

Embora as duas introduções tenham sua função e sua importância na obra Kantiana a tradutora lembra que é na *Primeira Introdução* que Kant tematiza os diferentes níveis em que se encontram a pergunta pela possibilidade de uma natureza em geral e a que investiga a captação conceitual de seus produtos mais empíricos e concretos<sup>7</sup>. Ela lembra que “sin hacer de la técnica de la naturaleza el principio de toda reflexión, no podríamos orientarnos en el laberinto de la multiplicidad de leyes particulares posibles” (p. 45) e caminharíamos sem rumo.

A reflexão da EE é um convite a interpretar a natureza como um livro criptografado, escrito em um código a ser decifrado a partir dos princípios que ela mesma revela e daqueles que ela harmoniosamente nos convida a descobrir, como se a chave do mistério estivesse desde sempre lá, decifrando o livro sem que nunca venhamos

---

<sup>6</sup> Sánchez Madrid, *op. cit.*, p. 81-82: “La obra crítica de Kant tiene la peculiaridad de mostrar cómo la razón mantiene ningún conflicto civil con la vida.”

<sup>7</sup> Sánchez Madrid, *ibid.*, p. 44: “La *Erste Einleitung* confirma que era imprescindible añadir a esa fundamentación lógico-trascendental un suplemento que tomara en consideración el destino de las formas empíricas, abiertas a la heterogeneidad e incluso cargadas de incompatibilidad entre sí, debido a su decidida divergencia.”



a descobrir precisamente como. Seja qual for o segredo para cuja revelação a EE mostra o caminho, o que se revela não é “como” natureza e razão se conciliam, mas o singelo fato que se conciliam, através de um *telos*, uma finalidade que não compreendemos, mas sem a qual não se compreende verdadeiramente a natureza e nos perdemos na vastidão do labirinto. A pergunta então é: não estaria nesta revelação a finalidade última do projeto crítico? Ainda que não possamos responder a esta pergunta com a certeza fornecida por uma demonstração, é inquestionável a constatação da tradutora de que “raramente se encontrará un estudio de los fundamentos del pensar crítico ejecutado con la misma radicalidad” (p. 84) que a *Primeira Introdução à Crítica do juízo*”, disponível ao leitor nesta belíssima edição germano-hispânica.

## Referências

SÁNCHEZ MADRID, Nuria. Contingencia y trascendentalidad: la primera introducción de la *Crítica del Juicio* y la catábasis reflexiva de la lógica trascendental. In: KANT, I. *Primera Introducción de la Crítica del Juicio*. Trad., ed. y notas por N. Sánchez Madrid. Madrid: Escolar y Mayo, 2011. p. 11-84.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. “Técnica da Natureza”: reflexões em torno de um tópico kantiano. *Studia kantiana*. n. 9, 2009, p. 118-160.

Resenha recebida em 5/02/2016, aprovada em 19/07/2016